

Redacção, administração  
e Oficinas-tipográficas

Avenida Agostinho Pinheiro

AVEIRO

# Campeão das Províncias

Decano dos jornais portugueses

fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Director de 1 de agosto de 1896 a 5 de outubro de 1922—Firmino de Vilhena de Almeida Maia

Propriedade da Empresa "Campeão das Províncias,

ASSINATURAS—Em Portugal, 10\$00. Para a África, 18\$00.

Para os restantes países, 25\$00 (moeda forte).

Número do dia, \$20.

A cobrança feita pelo correio, acresce a importância a dispender com ela.

A assinatura é contada dos dias 1 ou 15 de cada mês e cobrada, na falta de acordo especial, no começo de cada trimestre.

Não se restituem originais

Publica-se aos sábados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados.

ANÚNCIOS—Na 1.ª página, 1\$00; na 2.ª \$80; na 3.ª \$50; na 4.ª, \$45; na 5.ª e 6.ª 40; na 7.ª e 8.ª, bem como a publicação permanente, ajuste especial. Escritos de interesse particular, \$45. A todos acresce o imposto do selo, sendo contados pelos linómetros cp.ºs 12, 10 e 8, linha singela.

Os srs. assinantes têm o desconto de 10% nas publicações ou impressos feitos nas nossas Oficinas-tipográficas.

## CONSAGRAR JUNQUEIRO...

é sentir fundidas as nossas almas, num único pensamento de beleza eterna, na sua alma purificada pela maior ternura dos seus sonhos de bom. E que mais se poderá contar dessa fusão do que dizer que se fizeram cair dentro de nós, no agitar convulso da dor duma Raça e duma Pátria, as estrofes maravilhosas em que cantou o pensamento e o mar?!!

Elas aí vão para que tocos possamos, murmurando-as, rezar em seu louvor:

### A MORTE DO BARDO

Póde com absoluta segurança afirmar-se se uma nova é boa ou má pela pouca ou muita pressa com que corre. Assim foi que a notícia da morte de Guerra Junqueiro correu célere por todo Portugal e além fronteiras, de forma, é lícito dizê-lo, a sêr conhecida em todo o orbe ao mesmo tempo.

Um motivo, ponderoso sobremodo, e para nós, portugueses, representando um mixto de insita emoção e justo orgulho nos leva a esta afirmação que poderia sêr taxada de exagero se num facto real, positivo, concludente se não firmasse: é que em toda a parte a morte do Poeta foi sentida e chorada num mesmo grito de alma, plangente, maguado, grito que foi universal e que consubstanciou a glorificação do Homem.

Aqui, é a Pátria augusta, a Pátria-Mãe, que pelos corações de todos nós chora a perda dum filho dilecto, que a exalçou. Lá longe, nesses outros países que não podem atribuir-se a paternidade do morto illustre, é a ciência e a inteligência a consagrar-lhe a obra monumental de onde exparge, em centelhas refulgentes, o transcen-

Eu era mudo e só na rocha de granito.  
Por sobre a minha fronte a sombra do infinito,  
Em volta a solidão, e o mar junto a meus pés  
Cantando um hymno igual aos hymnos de Moysés  
Vinha tombando a noite. Escuridão sem fim:  
Negra como o terror, triste como Cajm.  
A abobada celeste ameaçadora e bruta  
Tinha o ar concentrado, o ar de quem escuta.  
A treva, espião de Deus, immensa, indefenida,  
Vinha pagar a luz para espreitar a vida.  
Sentia-se um olhar n'aquellas sombras mudas:  
O olhar da consciencia interrogando Judas.  
Silêncio sepulchral! mudez profunda e calma!  
Fechavam-se, tremendo, as petalas da alma.  
Corria pelo espaço um negro magnetismo...  
E os vagalhões do mar no monstruoso abysmo  
Contavam entre, frementes, soluçantes,  
As mortes dos heroes e as luctas dos gigantes.  
E eu triste contemplava os pélagos medonhos,  
O surdo revolver dos monstros e dos sonhos.  
O murmuroso oceano, ó vivo cemiterio,  
És a noite do assombro, a noite do mysterio.  
Ao crebro latejar das tuas pulsações  
Abram-se de fogo as bocas dos vulcões,  
A vaga redemoinha, e surge um continente  
Quando arrancas do peito algum soluço ingente.  
Que forças collossaes, magneticas, estranhas?  
Quem gera dentro em ti as ilhas e as montanhas?  
Teu ventre maternal a trasbordar d'amor  
Quem é que o fecundou, teu ventre abrasador?  
Que povo mysterioso, indomito, infinito  
Transforma a tua agua em rochas de granito?  
Onde reside, ó mar, teu vasto coração?  
Quaes são as tuas leis? quem deu a inspiração  
As correntes febris, ao turbilhão profundo  
Que vae de polo a polo e vae de mundo a mundo?  
Tens uma alma, tens, negro leão convulso!  
Que eu bem sinto bater o sangue do teu pulso,  
Bem sinto murmurar no abysmo subterraneo  
As vozes do teu peito e as luctas do teu craneo.

Scismava eu assim; meus doidos pensamentos,  
Mais negros do que o mar, mais livres do que os ventos,  
Lançavam-se febris, como animaes selvagens,  
Nos sonhos, no terror, nas pallidas voragens  
Do circulo fatal chamado a morte e a vida,  
Floresta sem entrada e mundo sem sahida.

Lancei o meu olhar pelo horisonte escuro,  
E vi tremeluzir clarões phosphorescentes;  
Talvez um animal já podre, no monturo:

Era a cidade immensa, a meretriz das gentes.

dentalismo do seu génio incoercível.

Vasta é a obra do Poeta. E mais vasta ainda se torna, atingindo proporções de infinita, se da contagem dos volumes publicados passarmos, como devemos, à leitura dos seus conceitos. Cada verso é um pensamento, cada frase uma síntese. E afagando, nos *Simplex*, eternizando o apogeu da raça na *Pátria*, anatematizando o vício na *Morte de D. João* ou criticando aceradamente nos seus *artigos de combate*, Guerra Junqueiro foi sempre profundo. Soube ralhar e soube abençoar; derruía troncos caquéticos e altares profanados, mas orava, a sua alma sempre deísta salmeava as *Orações*, rezava a um Deus, que êle sentia grande e sublime, zurzindo, na *Velhice*, os que o vilipendiaram.

Guerra Junqueiro, o último dessa pleiade fulgurante que se cognominou «Vencidos da Vida», era hoje, sem dúvida, o maior poeta da raça latina e o máximo expoente da alma lusa. Era mais, Guerra Junqueiro era o simbolo de Portugal—o Portugal de fronte aureolada de nobres cans, de olhar vivo e irrequito sempre fito nos longes pégos ond: impávido procura, e encontra, a suma glória que extasia o mundo.

Como Victor-Hugo, o génio da França, também Guer-



ra Junqueiro quis uns funerais modestos, e escolheu para morada eterna a pequenina aldeia sua terra natal. Mas no próprio momento em que as asas negras da horrí-da morte lhe tocaram o coração imenso, como Hugo ficou sendo pertença da sua Pátria.

Passou pelos Jerónimos. Agora, que vá para onde, ao morrer, certamente sonhava encontrar-se um dia com essa a quem chamava o seu «Anjo tutelar».

Manuel de Vilhena.

E então julguei ouvir os gritos das gehenas,  
O rabido estertor das velhas saturnaes,  
E vêr a cortezãs, famintas como hyenas,  
Torcerem-se febrís nos leitões sensuaes.

Vi lampear na treva a flammula das lanças,  
Rugir como chacaes irmãos contra os irmãos,  
E eu vi a soluçar as pallidas creanças  
Crusando sobre o peito as pequeninas mãos.

Nos robles da floresta athleticos, hirsutos  
Vi corpos semi nus e tabidas caveiras  
Suspensas sobre o ar, como vermelhos fructos  
Postos para banquete ás aguias carniceiras.

Eu vi a tres irmãs — a fome, a peste e a guerra—  
Batendo em noite escura ás portas de um bordel.  
Senti sob os meus pés estremecer a terra  
E bramir na amplidão a voz de Izequiel.

E n'isto o céu tornou se aberto e transparente;  
E a lua, a lua triste, envolta num sudario,  
Apparece a tremer silenciosamente,  
Branca como Jesus na noite do Calvario.

E o mar, o vasto mar, profundo e soluçante,  
Vendo surgir da lua o pallido fulgor,  
Arqueia enormemente o dorso triumphante,  
Como um leão raivoso em convulsões d'amor.

Arqueia o dorso enorme, eleva-se ás montanhas,  
Tomba sobre si mesmo em rude cataclysmo,  
Arranca mil trovões das rabidas entranhas,  
Levanta-se outra vez, cahe outra vez no abysmo.

E eu disse dentro em mim:—Que portentosas maguas  
Te fazem levantar a tunica das aguas,  
Cyclopico gigante? A branca luz do luar  
Que influencia terá sobre o teu peito, ó mar,  
Que andas como o rei Lear, pallido, desgrenhado,  
Nas tristes solidões do abysmo illimitado  
Rugindo, soluçando um choro doudo, enorme,  
Emquanto o teu amor silencioso dorme  
No firmamento azul! Que athletica paixão  
Te arde no craneo, diz. Teu rude coração  
Porque brame d'amor, se despedaça, estoura,  
Quando um raio de luz acaricia e doura  
A tua juba, ó monstro? Ah! ideal, ideal!  
És a concentração da força universal  
Irradiando o trabalho, a vida, o movimento.  
Ó abysmo do mar, o mar do pensamento  
Tambem tem como tu a mesma tempestade:  
As tres luas do Bem, do Bello e da Verdade  
Tambem fazem rudir seus vagalhões profundos,  
Levantam-n'os ao céu esses tres grandes mundos  
Para os deixar cahir como tu cahes, oceano!  
E, apesar d'isso tudo, o pensamento humano  
Nem nunca descançou, nem ha de descançar;  
Ha uma voz que lhe diz: Luctar! luctar!  
Por mais que alguém te brade:—Aquatico gigante,  
Tu não podes beijar a face á tua amante;  
Não revolyas no leito os teus heroicos flancos,  
Não estoires na praia os teus soluços brancos,  
Não queiras attingir a luminosa flor;  
Dorme!... não dormirás, ó velho luctador.

E então eu vi surgir das bandas do levante,  
Pallida e virginal como a Beatriz do Cante,  
Uma visão radiosa. A luz do seu olhar  
Tinha as scintillações magicas do luar,  
A olympica frescura, os mimos transcendentales  
D'um céu da primavera. As curvas das serpentes,  
A graça genial das Venus florentinas,  
As fórmas da palmeira, o talhe das ondinas,  
Tudo o que é puro e nobre e fugitivo e suave  
—Desde o collo d'um cysne ao canto d'uma ave—

Nada disto traduz as languidas doçuras,  
As linhas immortaes, avelludadas, puras,  
Do seu corpo divino. Aproximou-se então  
Poisou sobre o meu hombro a sua nivea mão,  
E com voz musical, translucida, impollúta  
Ella me disse:

«Ó filho, ó meu amante, escuta:

Que pensamentos maus, phantasticos, insanos  
Fazem murchar a flôr dos teus vinte e dois annos,  
Como folhas do automno extinctas sobre o pó?  
Um rosario de luz! vinte e dois annos só!  
Para longe a tristeza e para longe as maguas!  
Levanta o teu olhar do turbilhão das aguas  
E lança-o pelo espaço harmonioso e vago.  
A vida para vós, espiritos suaves,  
É fresca como o linho e pura como as aves.  
É como um beijo ideal feito de coisas mansas:  
Scintillações de luz e risos de creanças.  
Sois o povo de Deus, o povo dos eleitos;  
Trazeis, sem o saber, dentro dos vossos peitos,  
Dentre do coração bem arejado e vasto  
O amor—o sempre grande, o amor—o sempre casto.  
A dôr, a meretriz, a negra irmã da morte  
É a grilheta vil chumbada pela sorte  
Ao pé da humanidade—esse immortal forçado;  
Vós sois filhos do céu, filhos do mundo alado.  
A vossa alma, alegre, esplendida, sonora,  
Deve ser para a terra uma segunda aurora;  
Ser como um véo de noiva, um manto de rainha,  
Ser grande como Deus, leve como a andorinha.  
Não mergulhes em pranto a flôr da mocidade...»

—Quem não ha de chorar, ó musa, quem não ha de!

O amor, a abnegação—immaculado altar—  
Os peitos dos heroes mais brancos que o luar,  
As almas virginaes, almas alegres, claras,  
Brilhantes como o sol, fecundas como as searas,  
A graça juvenil, a intima frescura,  
A robusta velhice harmoniosa e pura,  
O genio primitivo, o genio do ideal,  
Almas feitas de bronze e feitas de crystal,  
A vasta communhão—abençoado orvalho—  
Os martyres da fé, os santos do trabalho,  
E emfim a natureza—o grande paraíso—  
Doce como um perdão, casta como um sorriso,  
Tudo tremeu, tombou na immensa ruinaria!  
Fugiu do peito humano a aguia da alegria.  
Se ólho em volta de mim, se paro, se contemplo,  
Vejo abrir um bordel dentro de cada templo.  
São cheios os quartéis, replectas as egrejas.  
Os ebrios histriões e as ebrias colarejas  
Cantas nas espiraes do fundo sorvedeiro.  
Cada corpo gentil vale um punhado d'ouro.  
O amor é uma palavra. A consciencia é morta  
Não existe o dever. Fechou-se a larga porta  
Que deita para a luz, que dá para o futuro;  
Ha em volta da terra um tenebroso muro.  
O sceptro da justiça é o sceptro do crime:  
Duro como um cutello e fragil como um vime.  
Nos esgotos da vida—as rodas, os hospicios—  
Fermenta noite e dia a rubra flôr dos vicios.  
O mundo agonisante, assim como um quartel,  
Olha para a taberna, abre para o bordel.  
São dois os generaes—soldado e jesuita:  
É o vicio bifronte, o vicio hermaphrodita.  
É um mundo que ri e um mundo que assassina:  
Os guizos do jogral e as trevas da batina.  
E o povo... o povo é rei! É rei, como Jesus,  
Para beber o fel, para morrer na cruz.—

—Socega, poeta; em breve a fresca luz do dia,  
Casta como os heroes, loura como a alegria,  
Virá engrinaldar de canticos e flores  
Os vossos corações, ó tristes sonhadores,  
Que andaes por este mundo em busca do Ideal.  
A aurora é um anjo bom, antipoda do mal.  
Ella feita de amor, de purpuras brilhantes,  
De graças juvenis, de glorias triumphantes  
E de rubras canções limpidas, vigorosas.  
Ella faz entreabrir os calices das rosas,  
Faz voar pelo azul bandos de pombas mansas,  
E faz desabrochar, verdes como esperanças,  
Frescas vegetações das sarças, dos abrolhos.  
É um vinho de luz, bebe se pelos olhos.  
Quando ella lôr doirando ao longe os céos escuros  
Iremos ambos nós pelos trigaes maduros,  
Como costumam ir os jovens namorados,  
Entre scintillações e beijos perfumados,  
Na harmonia viril, na doce plenitude

Do amor e do prazer, da força e da saúde.  
 Como havemos de rir, meu Deus, pelos caminhos!  
 Iremos escutando a musica dos ninhos,  
 E ao crystallino som das trémulas risadas.  
 Nós faremos fugir das sebes orvalhadas  
 Os melros joviais. E ao terminar do dia  
 Voará da tua alma a duvida sombria,  
 E sentirá cantar no peito o coração  
 Alegre e juvenil como um festim pagão.  
 Não ha dôr que resista á luz da madrugada.  
 É como irmã mais nova inquieta e perfumada...  
 Deita-se ao pôr do sol, levanta-se mui cedo,  
 Entra-nos pelo quarto, assim como em segredo,  
 Pé ante pé, subtil... dá-nos um beijo, canta,  
 (E que alegre canção, que matinal gargantal)  
 Depois desata a rir, puxa-nos pelo braço  
 Com sanguinea alegria, uma alegria d'aço,  
 Brinca, salta, sorri, não póde estar em paz,  
 Atira-nos cantando um ramo de lilaz.  
 Torna-nos a beijar... até que finalmente  
 Já não ha resistir!... não tem remedio a gente  
 Senão deixar do somno os tepidos vapores:  
 Erguemo-nos do leito e vamos vêr as flores.»

**Conservantismo... "après guerre,"  
 ou a interpelação do sr. Cunha Lial**

Afinal...

Isto é do tempo, deve sêr do tempo. A culpa não foi de um ou de outro, foi de nós todos—e do tempo, foi também do tempo.

Nós tínhamos os ânimos adormecidos. Vêio a República, e acordámos. A Guerra manteve-nos\* despertos. Depois, os nossos ânimos, que teimavam em não voltar à apatia antiga (obsoleta, diga-se), foram nas asas do «Lusitânia», por ares e ventos, juntamente com o nossos corações ansiosos, ao Brasil.

Desde então tudo nos parece grande. E' a força do hábito—é o tempo, querê dizêr, a época.

Rebentam duas, três bombas. E o portuguezinho, que as conhece, deixando-se levar ainda pelo tempo, fica na expectativa. O que será (?), pergunta, antevendo, antesentindo e antegosando alguma coisa grande. Mas as bombas eram de clorato—só fizeram barulho e levantaram pó.

E para todas as coisas é sempre assim. E' o tempo.

Nunca, que nós saibamos, os telégrafos, com e sem fios tiveram tanto que fazer como há algumas semanas. Esperava-se o *homem*. E numa bela manhan de nevoeiro, o *homem* chegou. Vinha de Praga.

Entram em faina viva, então, as gazetas. No *mentideros* políticos falava-se baixinho, temendo a indiscreção do próprio ar que respirámos. E o *homem* subiu e entrou.

Entrou... Mais lhe valera, no entanto, não entrar. Foi a queda do idolo

Que disse e demonstrou? Só isto, apenas isto: sêr conservador, afinal, consiste em fazer obstrucionismo com o aplauso da opinião senil.

E' uma forma de conservantismo... que importámos da Guerra—a Guerra, a pobre da Guerra, de que hoje derivámos todos os grandes empreendimentos e a quem assacámos a causa de todos quantos males nos assoberbam.

E eis no que deu uma *interpelação* estudada e escrita no remanso do lar—fórmula e realidade que aos que pensam em coisas úteis tanto de bom lirismo tem inspirado!

O sr. Cunha Lial, dizem e nós acreditámos, é um orador de raça. Tivemos muitos e temos ainda alguns. Os que tivemos e os que temos foram, em todos os tempos, aplaudidos até pelos adversários. E' ver o P.<sup>e</sup> António Vieira e José Estevam, António Cândido, Bernardino Machado, Afonso Costa, António José de Almeida. Porque foram e são aplaudidos inclusivamente pelos contrários? Naturalmente porque punham a palavra fluente ao lado de uma ideia nobre, duma afirmação justa, duma verdade, emfim.

Ora o sr. Cunha Lial, que é também, ao que se diz, um orador de raça, para a sua anunciada interpelação só conseguiu os aplausos dos seus hodiernos amigos políticos. E nem de todos.

O que devemos concluir? Que tem a palavra fácil, fácil tem também, o dom de não lutar pela verdade. E o que é que faz quem da verdade sai para atacar os que seguem um credo diverso, mormente numa ocasião em que perder tempo é um crime? Obstrucionismo puro.

E faz-se isto numa prorogação de legislatura! A Pátria e o seu partido que lho agradeçam.

**NÃO PINTÉ**

as suas casas sem se lembrar que

**1 k.º de MURALINE cobre  
 20 a 25 metros²**

é lavavel, e de um custo 10 vezes inferior ás pinturas de Oleo

Lindos trabalhos de Decoração Exterior

**MÁRIO COSTA & C.ª, L.ª DA**

Porto—R. do Almada, 30, 1.º

Lisboa—R. das Pedras Negras, 24, 1.º

Mas se é certo que mais fácil é acusar que defender, certo é também que «quem exagera dá sempre uma grande facilidade aos que respondem». E quando o sr. Presidente do Ministério, que na observância duma norma de polidêz que a todos se impõe, nunca interrompeu o sr. Cunha Lial e por êle foi interrompido a cada instante, lhe responde em termos claros e precisos, salientando que quem dêixa a libra a 60\$00 tendo-a encontrado a 25\$00 (foi em 1921, nos poucos tempos que durou o ministério do sr. Cunha Lial) não póde criticar qualquer política financeira, quando o illustre estadista derruiu, uma a uma, as afirmações do interpellante o que vemos? Vemos que o sr. Cunha Lial abandona a sala das sessões. E' o argumento principal e predilecto do sr. Cunha Lial. Está-lhe na massa do sangue.

Se tencionava sair, para que entrou?

**Prensas para bagaeo**

Com lagareta de madeira, cinchos, etc.

José F. de Almeida & Filhos, Ltd.

Albergaria-a-Velha

**Junqueiro e a mocidade académica**

E' duma imponência magestosa a apoteose que o povo portuguez tem fêito a Guerra Junqueiro. E é comovedor ver que é a mocidade académica quem mais exuberantemente tem patenteado a sua admiração e a sua saúda-de pelo grande cantor da raça.

Em Lisboa, os turnos têm sido quasi que exclusivamente constituído por académicos. Em Coimbra, a terra dos descantes, a académia, em reunião magna, vota a interrupção dos trabalhos escolares por três dias, e escolhe as dezenas de estudantes que não-de ir a Lisboa acompanhar o fêretro até ao monumento na-

cional. A Associação-Académica veste de luto a sua frontaria, e na Universidade a bandeira nacional é então pósta a meia-haste.

Cumprem um dever, sem dúvida. Mas têm-o cumprido duma forma alevantada e nobre, como nobres são, e generosos, os seus corações cheios de esperanças e douradas ilusões.

**Vida Musical.**—Está à venda o n.º 14 desta bela revista de vulgarisação musical. Continuando a publicação dos trechos apresentados para um dos vários concursos que abriu entre os seus assinantes, dá-nos a música de Armando Leça para a mimosa poesia de Augusto Gil, *Um grão de incenso*.

O Curso poético de harmonia, vai já na 6.ª folha.

Os nossos agradecimentos.

**Boletim oficial.**—Fez há dias, em Lisboa, concurso para professor de canto do Liceu de Aveiro, o sr. P. António Estevam, que provisoriamente tem exercido já esse lugar.

# Homens e datas--Paisagens e monumentos--Jornais e livros (Bibliografia)--Documentos--Notícias de Aveiro e seu districto

## XXIV

### Bibliografia

Camara Municipal de Ilhavo. — Um série de subsidios para a historia de Ilhavo. I Um projecto de brazão d'armas concelhio por Antonio Gomes da Rocha Madail, Coimbra, Grafica Coimbricense, Limitada 1922. — 4.º 56 pag.

#### XVIII

Todavia, no fim da safra anual, reunida a companhia ao ar livre, na areia, era-lhe lida uma conta, cujas irregularidades, embora percebidas ou presumidas por alguns socios mais experimentados e menos rudes, nem era facil demonstrar, nem a maioria lhes prestava atencão, salvo no caso de haver socio que, á custa de quartilhos de vinho, tivesse formado partido para entrar no governo da companhia pela demissão de algum dos membros dela.

Fazendo assim, opinião em seu favor, fariam levantar o grito de «fôra o Escrivão» — abaixo o procurador. Levantava-se logo um berreiro de aturdir; de fôra ninguem os percebia, todos gritando a um tempo. Afinal terminava com a victoria do bando que tivesse berradores de mais fortes pulmões. Se vencia a Mesa, tudo ficava como dantes; vencendo porém a opposição, ali mesmo, sem actas, sem nenhuma forma de processo ficava um destituido e nomeado o outro.

Em todo o caso as contas eram tacitamente aprovadas, quesquer que fôsem as irregularidades acusadas ou não acusadas, e passavam em julgado.

Com tal administração não podiam as companhias deixar de resvalar mais tarde ou mais cedo na sua completa ruina, e para lá iam caminhando a passos largos. O desleixo e os desvios em proveito dos gerentes e alguns anos de escassez de sardinha, obrigavam a contrair emprestimos a juro, ou a uns tantos quinhões segundo as quantias saídas por emprestimo, deixando-se acumular juros e continuando sempre os esbanjamentos.

Tinham as companhias grande numero de socios, como lhes era necessario porque as redes eram tiradas a braços; destes os mais validos ou foram mudando de terra ou seguindo a profissão maritima, por verem que cada vez eram menores os lucros a distribuir e não poderem viver deles. Assim foram enfraquecendo as companhias e os arraes procuravam para os ajudar, suprimindo as faltas, trabalhadores do campo, cujo trabalho era menor e assim mesmo mau.

Enquanto os aparelhos pode-

ram garantir os creditos, foram-se arrastando as companhias, e ainda depois, com as hipotecas não só dos bens comuns, mas até das casas de alguns gerentes. Afinal vieram as execuções, a venda dos aparelhos e até das casas particulares hipotecadas e as sociedades dissolveram-se; ficando em seu lugar as empresas formadas por alguns que compraram os aparelhos e que, renovando-os, pozeram companhias por sua conta, taes como hoje se vê.

Foi então que todos os homens validos se passaram para a vida maritima, começando alguns a habilitar-se para pilotos, e transformando-se esta população de pescatoria em maritima-quasi na sua totalidade.

Para melhor se ajuizar do que era a administração das senhoras companhias notemos o que se passava por ocasião da feira de madeira em Aveiro, a 10 de Março.

A mesa, acompanhada de alguns amigos dos mais considerados dentre os socios, num barco alugado, tripulado tambem por alguns socios iam á feira com o fim de comprar paus para remos: chegavam, viam, perguntavam preços, e porque era possivel vir mais madeira e baixar o custo, não compravam; iam para a estalagem e tendo comido e bebido a fartar, retiravam para voltarem no dia seguinte, repetindo: só o que fica dito, até que afinal ou acordavam em que não havia maior necessidade, ou compravam e metiam a madeira num armazem; pagando renda.

Esquecendo-se dela, afinal a necessidade de um ou mais remos novos lhes recordava que havia em Aveiro comprados e armazenados uns paus, que não éra mau ir buscar. Lá iam, mas podendo leval-os logo para a Costa conduziam-os para a Malhada e dali, mais tarde, pago o aluguer do palheiro em que estavam, lá iam enfim ao seu destino. E tudo isto á custa de comeres e bebes, sem o que nada se faria. E assim tudo o mais.

No primeiro quartel deste século poucos palheiros havia na Costa; para banhistas um unico, do Prior José Bernardo de Souza; a norte do que hoje pertence á familia de José Estevão uns dois ou três e os restantes seguiam para sul. Eram armazens com lagares e dornas para sardinha, sem divisões, as quaes algumas pessoas que vinham a banhos faziam com esteiras, lençoes, toldas, etc, cobrindo a areia do pavimento com junco da Gafanha. Pertenciam uns ás companhias, outros a mercanteis de Agueda, onde então e até á construção do Caminho de Ferro era o emporio de pescarias: havia alguns de mercanteis de Ovar, e outros de pescadores de Ilhavo. Foi aí por 1824 a 25 que começou a febre de ter palheiro na

Costa, que se foram construindo alguns para banhistas, que enfim muitos pescadores de Ilhavo e Aveiro começaram a comprar sardinha para negocio, o que em 1840 arruinou muitos destes novos especuladores, porque tendo os palheiros cheios de sardinha, tanta e tão barata affluu por mar de Lisboa, que tudo perderam o que haviam comprado na Costa.

Mas até aí, os poucos pescadores pernoitavam na Costa, durante o ensejo de mar bom, dormiam por favor em algum palheiro ou nas prôas de barcos cosinhando á noite ao ar livre ao longo da margem do rio, oferecendo assim uma distracção agradável aos banhistas.

De manhã reuniam á beiramar junto dos barcos, formando uma especie de acampamento, chamado o fato da companhia, porque ali depositavam gabões, jaquetas e o cesto da comida, pendendo tudo de estacões da companhia. Ali esperavam o arraes e chegado ele, começava o trabalho. Havia então subordinação e obediencia ao arraes, enquanto este se soube fazer respeitar. Mas a relaxação dos governos foi desmoralizando os governados, os bons, mas foram-se perdendo, e afinal não havia já meio de restaurar a antiga disciplina.

Quando falecia um companheiro, a parte do seu capital na companhia passava a um filho. Como não era representada por titulo ou documento algum escrito, não havia pertences, endosses ou registo algum a fazer. Reunia-se a companhia, ordinariamente no Campo das Almas; apresentava-se o novo companheiro com um certo numero de almu-des de vinho, que todos iam bebendo, assentados no chão, ou de pé, em grupos, conversando em assuntos de pesca, comemorando anos de abundancia ou de escassez, naufragios, etc. Esgotado o vinho por eles e pelos filhos pequenos, de quem se faziam acompanhar, exceptuando o que alguns mais sobrios recolhiam, do seu quinhão, em cabacinhas para levarem ás mulheres, ficava o novo companheiro havido e reconhecido como tal para todos os efeitos, e dispersavam para continuarem as libações pelas tabernas.

Os doentes tinham quinhão; assim tambem as viuyas por um certo numero de anos, creio que dez, se não passavam a segundas nupcias.

A condução da sardinha da beiramar para os palheiros da Ria ou para barcos

Como já disse, a sardinha era conduzida da beiramar para o rio por pescadores da respectiva companhia, e não queriam eles perder as vantagens que lhes resultavam deste serviço, que eram:

a gratificação — enxalavar, — o quartilho de vinho que recebiam do comprador e poupavam-se a ir ao mar para segundo lanço, para cujo fim ficaram nos palheiros do rio, demorando-se até que outros fossem tripular o barco ou até que se resolvesse não dar novo lanço.

Como porém desta malicia resultava, muitas vezes, não haver gente para se dar segundo lanço, os arraes e mais governos, alguns pescadores inteligentes e o abonador da companhia Galo Novo, ou companhias, Luís dos Santos Barreto, aconselhavam, pediam e instavam com os arraes no costume estabelecido, que eram a maioria, a fim de que se deixasse aos compradores a condução da sardinha.

Foram porém baldadas todas as diligencias pela pertinaz opposição do maior numero. Até que aquele Luís dos Santos Barreto conseguiu do Administrador do Conselho, Francisco Cardoso Figueira, permissão para tentar um meio que lhe pareceu o unico eficaz para abolição do dito costume.

E com efeito, num domingo de mar bravo, estando por isso na terra todos os pescadores, ao saírem da missa primeira, lançava no adro o pregoeiro o seguinte pregão: — Manda a Senhora Rainha que nenhum pescador desta terra conduza sardinha, a pau e corda como os Galegos, do mar para o Rio: os mercanteis que a tragam ou que paguem a quem lhes faça esse trabalho: por que a profissão de pescador é muito nobre, não deve confundir-se com a de Galegos carregados. — E ia repetindo ao passo que os pescadores, embasbacados, o ouviam, e proseguiam no caminho de casa ou da taberna morailsando o caso: «Olha lá, dizia um, como a Senhora Rainha fez caso da gente!» — Poderá! respondia outro, pois tu não sabes que as senhoras companhias são braços reaes? que até nem os pescadores vão para a tropa, porque tem *presleu*? — Se isso é verdade: qual é o home, a não ser o pescador, que lida com aquele mar de Christo?

— Mas tu não tens visto como a gente em senhoria, é bem tratada pelas pessoas reaes quando vão a Belem, a Pedroços, a Cascaes?

— Até nos dão dinheiro, quando a gente está de quedo.

— Eu bem me lembro ainda do avô da nossa Rainha, que era tão bom para a gente. Mas o certo é que ela tem razão, quem lh'o diria?

— Ah! Sabem tudo. E nós, lá isso é certo, faremos o serviço de Galegos.

Marques Gomes

Notas de carteira

fazem anos:

Hoje, as sr.<sup>as</sup> D. Maria José Gamelas e D. Maria da Luz Regala.  
 Amanhã, as sr.<sup>as</sup> D. Elvira Dias Egas Moniz, D. Maria Luisa Rebocho Rangel de Quadros e Albuquerque, D. Efigénia Macedo, D. Rita Moraes Sarmiento, e os srs. Firmino Manuel Pereira de Vilhena, António de Souto Alves e dr. Anibal de Vasconcelos.  
 Além, as sr.<sup>as</sup> D. Isabel Maria Teixeira da Costa, D. Mariana Bandeira, e o sr. Henrique Ferreira de Araújo e Silva.  
 Depois, a sr.<sup>a</sup> D. Irene Ferraz Chaves.  
 Em 17, a sr.<sup>a</sup> D. Irene Umbelina Arala Chaves, e os srs. António Maria Dias da Silva e dr. Eduardo Vaz de Oliveira.  
 Em 18, a sr.<sup>a</sup> D. Isolina Cândida Tavares Rebelo.  
 Em 19, a sr.<sup>a</sup> D. Gabriela de Melo Rebelo, e o sr. Victorino Henriques Godinho.

Novos lares:

Realizou-se no passado domingo 8 do corrente, o casamento do sr. José Nunes Ferreira Ramos, habil fotografo desta cidade com a conhecida e importante comerciante sr.<sup>a</sup> Joana Cardoso, também desta cidade.  
 A cerimonia, que revestiu um caracter muito intimo, apenas assistiram pessoas da familia dos nubentes, a quem apetece todas as felicidades de que são dignos.  
 Teve também lugar, na segunda-feira, 9 do corrente, o enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Ana Regala, filha do falecido clinico dr. Luis Augusto da Fonseca Regala, com o sr. António Ferreira Alves, diplomado em farmacia, proprietario e capitalista, natural do districto de Bragança.  
 Ao acto vieram assistir os velhos amigos dos noivos, as sr.<sup>as</sup> D. Herminia Guerra e filha, D. Amarilis, e o sr. Alfredo Monteiro, engenheiro em Africa, que juntamente com os noivos seguiram para Espinho e Porto.  
 Foram padrinhos D. Maria dos Prazeres Regala, D. Crizanta Regala, Agnelo Regala e João Calado do Fonseca.

Ao novo lar endereçamos todos os votos de felicidade.

Gente nova:

Com muita felicidade, deu á luz uma criança do sexo masculino, a sr.<sup>a</sup> D. Laura Osório, esposa do conceituado comerciante, sr. António Osório.  
 Foi há dias baptisada, recebendo o nome de Maria Luisa, a filha do sr. dr. Alberto Soares Machado, distincto medico.

Visitantes:

Estiveram nestes dias em Aveiro os srs. dr. Virgilio da Silva, advogado em Anadia, Antero Duarte, Manuel Sacramento e Fernando de Vilhena.  
 Também aqui esteve, o sr. António Felizardo, director da alfandega da Figueira da Foz.  
 Com seu pai esteve em Aveiro a sr.<sup>a</sup> D. Cândida de Matos Ribeiro.  
 De visita ao sr. dr. António Emilio de Almeida Azevedo, estiveram em Aveiro, os distinctos medicos n.º Porto srs. drs. Oscar Moreno e José Domingues de Oliveira.

Esteve também em Aveiro, com sua filha, a sr.<sup>a</sup> D. Hermina Guerra.

Viageiros:

Regressou de Lisboa, o sr. dr. João de Almeida, director da companhia Electo-Oceanica.  
 Com sua filha, seguiu para a Foz do Douro a sr.<sup>a</sup> D. Rosalina de Azevedo.  
 Está na sua casa de Cacia o sr. dr. Manuel Nunes da Silva, Mer.<sup>m</sup> Juiz da Relação de Lisboa, e inspector judicial.  
 De passagem para Torres Vedras, onde é t. sourceiro da F. P. esteve em Aveiro, o sr. Faustino de Andrade, antigo commissario de policia e administrador do concelho.  
 Seguiu definitivamente para Pe-

Exposição districtal de ceramica e vidros

II

Abriu hoje e encerrar-se-ha no dia 22 a exposição de productos ceramicos que a Associação comercial de Aveiro organisou e que deveras a nobilita. Merece ser visitada e apreciada. Constitue uma verdadeira gloria para Aveiro e seu districto, como terei ocasião de dizer.

O primeiro lugar, como era de justiça, occupa-o ali a Fabrica da Vista-Alegre, esse estabelecimento modelar e antigo que é uma verdadeira gloria nacional.

Está a completar um seculo, fundou-a em 1824 José Ferreira Pinto Basto, esse verdadeiro benemerito de quem José Estevam, fazendo o elogio historico no Conservatorio dramático, em 20 de dezembro de 1841 delineou assim o perfil:

«Dominado profundamente das tendencias do seu tempo, votou todo o cabedal do espirito, toda a copia dos seus meios, ás empresas industriais, e exercitou nelas com entusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento publico...»

Dessas empresas a que se referiu o grande tribuno a maior foi a fundação da Fabrica da Vista-Alegre.

Do monumental empreendimento a que se refere o grande orador, o primeiro de Portugal, isto é, a Fabrica da Vista-Alegre, dizia após tres anos da sua fundação, em 1827 Acursio das Neves nas suas *Noções historicas e economicas*:

«Duas tentativas se tem feito para introduzir em Portugal a manufactura da porcelana; huma mais antiga pelo tenente-general *Bartholomeu da Costa*, que chegou a fabricar mui bellas peças d'esta louça, que foram apresentadas á Senhora Rainha *D. Maria I*, a qual não progrediu por falta de auxilio; outra mui recente por *José Ferreira Pinto Basto*, que actualmente se esforça para levar ao fim esta empreza na sua fabrica d'Aveiro. Já tem apresentado algumas amostras á Real Junta do Commercio, as quaes dão grandes esperanças, muito mais por serem fundadas principalmente no seu genio, na sua pericia, e nos seus fundos. Muito digno de ser animado se faz este empreendedor. Junto á fabrica de louça tem elle estabelecido hum bom laboratorio de productos chimicos, e pharmaceuticos, e outra fabrica em que se manufacturão, e lapidão vidros com tanta perfeição, como os melhores, que vem dos paizes estrangeiros. A seguinte nota, que me foi comunicada, dará algumas noções sobre este estabelecimento:

«A huma legoa da cidade d'Aveiro, e legoa e meia da Barra se achão estabelecidas as fabricas de porcelana, vidros e productos chimicos na quinta da Vista Alegre de *José Ferreira Pinto Basto*, que com privilegio de S. Magestade creou, e fundou estes estabelecimentos

«Hum edificio de 400 palmos de frente sobre 650 de comprimento, formando um pateo correspondente, contem as casas de habitação com huma Ermida ricamente edificada, as officinas proprias da fabrica de porcelana; os edificios da fabrica de vidro (alem de hum grande pateo para lenhas); hum laboratorio chimico para os productos, e outro pharmaceutico; e casas de habitação para os empregados, artistas, e apprendizes; estes vivem em comunidade, aprendem as primeiras letras pelo methodo de ensino mutuo, e tambem musica, e tocar alguns instrumentos.

Tudo forma hum edificio contiguo; alem deste ha casas para hospedarias, e curraes de gado, e hum caes sobre o rio.

«O Director das fabricas he Augusto Ferreira Pinto Basto, filho do proprietario, moço de 19 annos de idade, que debaixo das ordens de seu pay tem tomado com gosto esta administração, sendo elle mesmo o mestre das composições.

Quando se estabeleceu a fabrica mandou o proprietario vir da Saxonia 3 officiaes, um para o torno, outro medelador, e outro pintor: este ficou no caminho depois de receber a ajuda de custo; aquelle sahio um charlatão, que foi preciso despedillo; o torneiro José Scorder he o que a tualmente serve de mestre dos aprendizes; tem talento, e executa com perfeição as suas obras (ainda que o gosto he sempre a moda do seu paiz); he o unico estrangeiro que ha na fabrica de porcelana.

«Na fabrica de vidros ha só um estrangeiro, que é Samuel Hungles Inglez, lapidario, e mestre dos aprendizes; tem talento e gosto, e executa quanto se lhe encomenda.

«No laboratorio chimico na hum hespanhol, que dirige os processos. Não ha mais nenhum estrangeiro; o proprietario espera que em 3 annos esses mesmos não serão precisos, porque Portuguezes mais habeis os não de substituir.»

Marques Gomes.

nafile o capitão de infantaria, sr. Victor-Hugo Antunes.  
 De Viana do Castelo vieram há dias a Aveiro, os srs. dr. José de Matos e Couto Viana, delegados do Sport Clube Vianense, que com o Clube dos Galitos vieram tratar da proxima visita daquele Clube, em principios de Agosto.

NORAS DE FERRO

com alcaíruzes de ferro zin-

cado

José F. de Almeida & Filhos, Ltd.

Albergaria-a-Velha

Aniversários

Entrou há dias no seu segundo ano de publicação o nosso presado colega *Voz de Agueda*.

Ao brilhante colega, bem como ao seu ilustre corpo redactorial, as nossas muito cordeais felitações.

Exames

No Liceu de Aveiro, fez há dias exame de admissão á 3.<sup>a</sup> classe, ficando aprovado, o menino António José Flamengo, filho do sr. João Luis Flamengo, considerado escrivão de direito da comarca.

Dr. Gezar Pontes

Na casa de saúde da M. Zericordia, operou este nosso amigo, de um tumor vaginal, com feliz exito, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Pirré, sendo ajudado pelos srs. drs. Lourenço Peixinho e José Gamelas.

Movimento local

Os campeonatos de nataçao de amanhã.— Amanhã, domingo, 15, realizam-se em Aveiro os campeonatos nacionais a que concorrem este ano os melhores nadadores de Lisboa, Porto, Setubal, Viana do Castelo e de Aveiro, segundo informações que de Lisboa nos mandou o nosso redactor Mário Duarte (Filho) que está tratando desse assumpto com interesse.

E' certa a inscrição de Faustino José nos 1.500 m., o grande nadador de Setubal, celebre pelas suas victorias da epoca passada. De Lisboa inscrevem-se Felicio, do Carcavelinhos, que ganhou os 1.500 m. regionais em 29, e Soares, do Algés e Dafundo, que está numa excelente forma.

Do Porto vem Branco, campeão de 1922, e de Viana do Castelo o nadador Sobrinho pediu licença á Liga para tomar parte tambem.

E' com esta serie de valores que o nosso Tobias Samarrão tem de medir as

suas forças, e esperamos que nos represente com galhardia.

Mario Marques vem para as corridas classicas de costas e bruços.

Do programa faz parte um desafio de *water-polo* entre equipas do Porto e Lisboa, e ainda um numero de salto por Caupers, não podendo Renose tomar parte por lhe ter aparecido ultimamente uma infeção nos ouvidos.

A Delegação Aveirense trabalha com entusiasmo, sendo dignos de aplauso os esforços de José Duarte Simão e A. Varela.

Foi convidada a imprensa.

**Recreio Artístico.**—No próximo dia 22, domingo, a *Sociedade de Recreio Artístico* organizará um passeio à Ponte de S. João de Loure, passeio que está despertando grande entusiasmo.

**Exposição districtal de cerâmica e vidros.**—E' hoje, 15, pelas 22 horas, que solenemente será aberta esta exposição, que tem merecido do nosso prezado colega de redacção, sr. Marques Gomes, uma série de artigos que bem demonstram o seu valor. Nela se farão representar todas as fábricas das especialidades da nossa região, devendo nós salientar as Fabricas da Vista-Alegre, de Oliveira de Azemeis (vidros), e, de Aveiro, as Fábricas da Fonte Nova, Aleluia e Empreza de Louças e Azulejos, que na exposição realizada em Coimbra tanto se destacaram.

Apresentar-se-á também a interessante e rica «Secção retrospectiva de Aveiro e Vista-Alegre.»

E' a seguinte a lista dos expoitores:

Fabrica da Fonte Nova, Aveiro; Fabrica dos Santos Martires, Aveiro; Empreza de Louça e Azulejos, Lit.<sup>a</sup> Aveiro; Jeronimo Pereira Campos, Filhos, Aveiro; António de Oliveira Rocha, Oliveira do Bairro; Rezende Oliveira & C.<sup>a</sup>, Espinho; João Pereira Campos, Aveiro; Duarte Tavares Lebre & C.<sup>a</sup>, Quintans; Carneiro & C.<sup>a</sup>, Agueda; Guerra & C.<sup>a</sup>, Agueda; Fabrica da Vista-Alegre, Lit.<sup>a</sup>, Vista-Alegre; Almeida da Costa & C.<sup>a</sup>, Mourão Teixeira Lopes, Lacerda Figueiredo, Pampilhosa; Fabrica de Vidros do Bustelo, Fabrica de Vidros da Senhora de La-Salette, Companhia Vidreira de Portugal, Oliveira de Azemeis.

Agradecemos a gentileza do convite.

**Excursão Viana-Aveiro.**—Por iniciativa do *Clube dos Galitos*, deve em breve realizar-se uma excursão de Viana a nossa terra. Antigas são as amigas relações das duas cidades, relações que, por Aveiro, o *Clube dos Galitos* tem estreitado visitando Viana e recebendo os vianenses com uma galhardia verdadeiramente notável.

Esta nova visita trará a Aveiro, como as antecedentes, um movimento extraordinário, o que só em nosso prestígio pode redundar.

Para senhora e creança  
**CHAPEUS**  
LINDOS MODELOS e copias. Cascos, sédas e guarnições.  
AVEIRO  
Mizira Pinheiro Cheves  
Rua Coimbra n.º 9

**RAVL PEREIRA & C. LIA DA**  
OVP. IV. S. JOALHEIROS



**JOLAS, PRATAS, FILIGRANAS.**  
RUA 31 DE JANEIRO, N.º 53  
PORTO

## Dias findos

No Sanatorio Sousa Martins, da Guarda, faleceu o sr. dr. Jaime Augusto Carlos da Silva, natural de Pecegueiro (Pampilhosa da Serra) e que nesta cidade exerceu o magistério secundário.

Tendo partido para a India, onde era professor do Liceu de Nova-Góia, dali regressando, porém, à metrópole nos fins de maio último com a saúde muito abalada, pelo que, depois de estar uns dias no Freixo, em casa de seu tio, recolheu ao referido Sanatório, vindo lá a falecer no dia 23 de junho findo, muito novo ainda, pois contava 29 anos.

Os nossos pêsames à familia enlutada.

## Comarca de Aveiro

### EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

**P**ELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 2.º officio—Magalhães—correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio no *Diário do Governo*, citando os interessados Augusto Cecilio, solteiro, maior e Manuel Paulo do Bau, casado, ausentes em parte incerta para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico

a que se procede por falecimento de José Cecilio, o Res-sueiro, morador que foi na vila de Ilhavo e no qual é cabeça de casal Joana Calçôa, moradora na mesma vila e nele deduzirem os seus direitos sob pena de revelia e sem prejuizo de seu andamento.

Aveiro, 3 de Julho de 1923.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Adolfo Maria Sarmiento de Souza Pires

O escrivão do 2.º officio,  
Silverio Augusto Barbosa de Magalhães

## Fernando Moreira

Conservador do Registo Civil  
**Advogado**  
Consultas todos os dias úteis, na Conservatória do Registo Civil, à Praça da República—Aveiro.

## Joaquim Simões Peixinho

### Advogado

Mudou o seu escriptorio para a Rua das Barcas

## Bom emprego de capital

### Vendas de casas

Vendem-se 3 casas que servem para negocio com frente para a Nova Avenida e Avenida Bento de Moura, com terreno adjacente que serve para construção de predios. Vende-se tudo junto ou em fracções.

Quem pretender, queira dirigir-se á Rua de S. Sebastião, n.º 53-A.

**PELE** branca, de criança Perdeu-se na noite de 4 do corrente, desde o Teatro até á Praça do Peixe.

Nesta redacção se diz a quem pertence.

## VENDA DE VINHO

Vende-se vinho branco e tinto, de boa qualidade, purissimo, na Quinta de S. Thiago, pertencente á familia Valle Guimarães.

O branco vende-se a \$60 o litro, e a \$50 de 10 litros para cima.

O tinto a \$50 o litro, e a \$40 de 10 litros para cima.

**V**ENDE-SE um terreno no Canal de S. Roque, paralelo á linha ferrea, proprio para qualquer construção Confronta com a Rua de S. Roque e com o Canal referido.

Quem pretendêr dirija-se a esta redacção.

## Quinta da Ribeira

Junta ao Canal e Ponte de Esgueira vende-se livre e desembaraçada a quinta acima, composta de casa, terreno lavradio, pinhal e areal.

Trata-se com Octavio de Pinho, Rua do Gravito, 40—AVEIRO,

# Testa & Amadores

## COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Depositários do OPORTO OIL COMPANY ≡ Telegramas: TESTA  
Rua Eça de Queiroz AVEIRO

### Banco Nacional Ultramarino

Emissor para as colónias portuguesas

Sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa

CAPITAL AUTORIZADO, 48 MILHÕES; REALISADO, 24 MILHÕES; FUNDO DE RESERVA, 24 MILHÕES

Filial em Aveiro—Rua João Mendonça—EDIFÍCIO PRÓPRIO

### Aluguer de cofres fortes

N.º 1, 9\$00 semestrais ou 12\$00 anuais  
N.º 2, 10\$00 " ou 15\$00 "  
N.º 3, 15\$00 " ou 20\$00 "

Estes cofres garantem a maior segurança contra roubo e incêndio. Cada locatário recebe a UNICA chave especialmente fabricada para o seu compartimento, podendo à sua vontade estabelecer o segredo da fechadura.

O acesso aos cofres tem lugar todos os dias úteis, das 10 1/2 às 15 1/2 horas

ARMAZENS DE MERCEARIA POR GROSSO  
\* FERRAGENS, CEREAIS E AZEITES \*

### "A ELEGANTE,"

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS E MODAS

Camisaria e gravataria

ARTIGOS DE NOVIDADE PARA CONFECÇÕES  
Perfumarias e bijuterias

— Pompeu da Costa Pereira —  
Rua José Estevam AVEIRO Rua Mendes Leite

## CIMENTO

Para obras de responsabilidade. Barras de aço para cimento armado. Produtos impermeabilizadores e endurecedores para cimento.

Sociedade Comercial Financeira, Ltd.<sup>a</sup>

Telefones. C 197 e 5267.

Rua do Alecrim, 65, 1.º—Lisboa

### Eduardo Trindade

### Armazem de sedas

Venda de bicicletas e acessórios. Oficina de reparações

Representante das motocicletas F. N., CLYND e EXCELSIOR

RUA JOÃO MENDONÇA, 1, 1-A e 1-B  
Aveiro

LENÇOS, Gravatas, Damascos, Nobrezas, e outros tecidos de seda. Sedas para bordar e molas para vestidos. Preços de concortencia. Vendas só por junto. Pedidos a AGOSTINHO DE OLIVEIRA ROCHA & IRMÃO—Rua do Bomjardim 306, 1.º—PORTO.

Estabelecimento de ferragens, vidraças e tintas  
MERCEARIA

Grande deposito de cimentos nacionais e estrangeiros. Adubos, sulfato e enxofre.—Agente da Companhia de seguros "PROBIDADE"

Domingos Leite & C.<sup>a</sup>, L<sup>da</sup>  
Rua José Estevam, 5, 5-A e 5-B  
AVEIRO

### Livraria VIEIRA DA CUNHA

—Rua Direita n.º 70 AVEIRO—

Grande sortimento de papelaria—Artigos de escritório—Sacos para livros—Louzas—Artigos para desenho e pintura—Perfumarias—Sabonetes—Quinquilherias—Postais ilustrados, etc.

### Alfaiataria e fazendas

João de Deus Marques & C.<sup>a</sup>, L<sup>da</sup>  
Gravataria Camisaria e Perfumaria  
Rua João Mendonça—AVEIRO

SEDAS-SEDAS-SEDAS  
SEDAS largas e estreitas para vestidos, blusas, guarnições e forros. SEDAS para sombrinhas e guarda-chuvas. SEDAS para cortinas de automoveis e trens. SEDAS em meadas para bordar. DAMASCOS DE SEDA para colchas, estojos, paramentos e ornamentações. NOBREZAS DE SEDA, tudo a preços módicos. Tem sempre uma grande variedade em existencia. CASA DAS SEDAS, rua de Santa Catarina, 137—PORTO.

### Tomaz Vicente Eerreira

Fatos para passeio e cerimonia. Gabões e capas de agasalho

Alfaiataria  
RUA DIREITA—AVEIRO

### Imprensa de Louças e Azulejos, L<sup>da</sup>

Produzida em 1919  
Premiada em primeiro lugar na exposição realizada na Tapada d'Ajuda pela Associação-central-de-agricultura, e com medalha de ouro de 1.ª classe na exposição organizada em Vizeu durante o Congresso-beirão, únicas a que se tenha concorrido.  
Bandeaux decorativos—Louças artísticas

### SAPATARIA TEIXEIRA

Aveiro—Rua Direita—10  
FAZ E CONCERTA calçado para homem, senhora e creança pelos ultimos modelos e minimos preços.  
Garante a excelente qualidade dos cabedais e mais material que emprega

### Manuel Maria Moreira

Fazendas brancas e de lã, retrozeria e modas.  
BARRADOS E MIUDEZAS, BANOS GROS, BRITANHAS FINAS, SUCOVAS PARA BATIDORES  
Rua Coimbra, 11—(Antiga Rua da Cozinha)  
AVEIRO

### Salgueiro & Filhos, L<sup>da</sup>

Deposito de tabacos nacionais e estrangeiros  
Delegados da Companhia seguradora "Sagres,"  
COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES  
Aveiro—Praça Luis Cipriano

### Fabrica de Louça e Azulejos DA FONTE NOVA AVEIRO

—Fundada em 1882—  
—DE— Manuel Pedro da Conceição  
Premiada em varias exposições  
Vasos, balaustres, louça de uso comum e de fantasia, azulejos em paneaux em todos os estilos, e de revestimento de paredes.

## LIVROS ... VENDEM-SE:

Dicionário de Português do Dr. Cândido de Figueiredo, 2 vol., encadernados, por 76\$00  
Traité élémentaire de Géometrie Analytique, de M. Auguste Comte  
Dirigir pedidos a esta redacção

Mercearia Aveirense DE Francisco Porfirio da Silva  
Café, Papalaria e Miudezas  
Rua do Gravito  
AVEIRO

Antonio José da Fousêca  
Cereais e legumes  
Estarreja—Pardelhas

Armazem de Sola, Cabedais e Calçado em todas as medidas, formas e qualidades  
FABRICO MANUAL —DA— Sapataria Mgueis  
O que de melhor, mais moderno e mais em conta se encontra.  
Rua Coimbra—AVEIRO

Salão COSTA DE Ana Teixeira da Costa  
Atelier de chapéus modelos, confeções e concertos, para senhora e creança. Grande sortido em plumas, sedas, veludos e outros enfeites.  
EXPOSIÇÃO PERMANENTE  
Falar Rua de Estação, 80

### Guarda-chuvas baratos

GRANDE variedade em existência, e assim como Sombrinhas, tanto em seda como em algodão, a preços módicos. Só se encontram na Casa das Sêdas, na rua de Santa Catarina, 137—PORTO. Nas oficinas da mesma Casa das Sêdas, concertam-se guarda-chuvas avariados. Cobrem-se também com algodão ou seda. Serviço rápido, económico e garantido.

### CHAPELARIA "IDEAL,"

DE **Eduardo Coelho da Silva**  
Rua Direita, 12-A e 12-B—AVEIRO

Oficina de chapéus e guarda-soes  
Prontidão e esmero em todas as encomendas, pois está perfeitamente montada para isso. Sortido de novidade em bonés e chapéus para homem e creança. Transforma para qualquer gosto. Oficina de guarda-soes; concertam-se e cobrem-se com segurança. Lindo sortido de guarda-soes e bengalas de castões modernos. Vende corôas artificiais, bouquets, etc., para fua

### Tabacaria Moderna

DE **José Augusto Couceiro**  
Tabacos nacionais e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, etc. Tintas, livros, papel e outros objetos para escritório. Tintas para pintar a óleo e aguarelas. Postais ilustrados. Perfumarias. Camisaria e gravataria. Cervejas e aguas. Artigos tipográficos em todos os generos. Encadernações.  
Avenida Bento de Moura, n.º 1-A—AVEIRO

### sal e pescado

Fornecida em **larga escala, para o país e estrangeiro, ROQUE FERREIRA PATACÃO.**

**Praça do Peixe—AVEIRO**

### Grandes Armazens do Chiado-AVEIRO

Tudo melhor e mais barato.  
Completo sortido de todos os artigos proprios para a presente estação.  
Unica casa de preço fixo em AVEIRO

### A Mobliadora = José Augusto Ferreira & Filho Aveiro—Praça do Comércio

Móveis em madeira e ferro—Colchoaria—Tapeçaria—Oleados—Carpets—Cristais—Louças em porcelana e esmalte—Objetos de enfeite a toilette—Decorações.  
O mais vasto estabelecimento no género

### Veneziana-central

Tabacaria, papelaria, perfumaria, quinquelherias e artigos de novidade.  
Deposito das aguas de Vidago, Pedras Salgadas e Entre-os-Rios  
Depositarios das aguas da Curia e dos refrigerantes Sameiro  
Mendes da Gosta & C.<sup>a</sup>  
Arcos e Entre-Pontes

### Officinas de Serralheiro e Segeiro Carlos Migueis Picado

Executa com a máxima perfeição, prontidão e segurança, portões, grades (estilo antigo ou art-novo) lavatorios, camas, estanca-rios, motores a vento, depósitos, carros, etc., e faz todos os concertos nestes artigos.  
Construo fogões para lenha e carvão, cofres à prova de fogo, etc. Mobiliario, louça em barro e esmaltada, colchoaria, etc.—Officina Larga de Apresentação—Deposito Rua Direita—AVEIRO

### Serralheria de ferragens para construções

Estabelecimento de ferragens nacionais e estrangeiras. Cutilaria, ferramentas, ferro, aço, carvão, etc., etc.  
Ricardo M. da Costa,—Rua da Corredoura—AVEIRO

### HERPETOL



### DA UM Alivio instantaneo

SOFRE DE COMICHÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS da PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL fará desaparecer rapidamente a comichão.

O HERPETOL OURA. A atestá-lo temos os numeroz pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realisação CURAS MARAVILHOSAS. A acção do HERPETOL é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quaes são a causa de todo o mal. É de um maravilhoso effeito para limpar a pele de ESPONDIAS, ERUPÇÕES, MORDEDORES DE INSECTOS, ECZEMAS, PRURIDO, SBOO, E CRÓSTAS DURAS.

A venda nas principais farmacias e nas droguarias, em Lisboa, Rua da Palma, n.º 11, e Porto, Rua das Flores, n.º 17.

### Chicória Sociedade Produtora de Chicória, Lid.—Rua Manuel Firmino, 33—AVEIRO.

Chicória seca em grande quantidade e da melhor procedencia. Sementes de origem Magburg, importadas directamente da Alemanha. Sementes de outras qualidades. Representantes da casa  
Carl Beck & C.<sup>a</sup>  
Aceitam-se encomendas de qualquer semente de legumes, chicória ou beterrabas.—Preços modicos.  
Pedi esclarecimentos na sede desta sociedade.

### Padaria BIJOU, de Macedo & Estevam

Paes de todas as qualidades e tamanhos  
à hora indicada  
AVENIDA BENTO DE MOURA—AVEIRO—

### MOBILS Grandes armazens e officinas de Jaime da Rosa Lima

Completo sortido de mobillas em todos os estilos. Móveis avulsos. Espelhos, molduras, tapetes, oleados e muitos outros artigos. Executa com prontidão por atacado e retalho. Oficina com pessoal habilitado para todos os trabalhos concernentes à arte. Restaurações, polimentos, etc. Preços sem competencia.  
Rua José Estevam, 23, 23-A  
Rua dos Mercadores, 8, 8-A  
AVEIRO

### Confeitaria Mourão, Sue.ª

Sempre os mais finos doces de ovos, especialidades da terra. Fornece serviços de chá e sobremesa. Despacha em condições para o paiz, Africa e Brasil. Descontos aos revendedores. OVOS MOLES em latas ou barricas. Mariscos em conserva. Angulas assadas e pescador.  
Rua Coimbra—AVEIRO

### CARNES Frêscas e salgadas

Vaca, vitela e cevado  
Salchicharia—Pinguo—Tripa para enchidos  
Avenida Agostinho Pinheiro  
JOÃO LOPES Aveiro

### HOTEL AVEIRENE

AVEIRO  
Ruas do Gravito e do Seixal  
Instalações em ampla casa apropriada  
Aceio, hygiene e conforto.  
SERVIÇO DE CANTINA

### "Luzostela," Fabrica de lixa e outros produtos

Lixas de todas as qualidades em vidro e esmeril, tanto em pano como em papel.  
P6 de esmeril especial para limpar colhores  
forreira & Irmão—AVEIRO

### Mala Real Inglesa

PAQUETES CORREIOS A SAIR DE LEIXÕES

Deseado em 18 de Julho, para o Rio de Janeiro, Santos e Buenos-Ayres.

Desna em 1 de Agosto, para o Rio de Janeiro, Santos e Buenos-Ayres.

Estes paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os Paquetes

Arlanza em 16 de Julho, para a Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Avon em 30 de Julho, para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos-Ayres.

Almanzora em 13 de Agosto, para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Nas agencias do Porto e Lisboa podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches à vista das plantas dos paquetes, mas para isso recomendamos toda a antecipação. Esta Companhia tem carreiras regulares de paquetes de Hamburgo a New-York, com escala por Southampton e Cherbourg.

AGENTES No Porto:

TAIT & C.<sup>a</sup>

19, Rua de Infante D. Henrique. Em Lisboa:

JAMES RAWES & Co  
Rua do Corpo Santo, 47, 1.ª

### Ricardo da Cruz Bento

COM  
Estabelecimento de mercearia, azelle e vinhos finos.—Licores, xaropes e aguardente.—Papelaria, objetos de escritório e diversas miudezas.—Lônas para navios—Breu preto, louro e cru, utensilios para amanho de barcos, cordeame e poleame. Gondas de junco e a retalho  
Praça do Peixe—AVEIRO

### FERRBIRA & GUIMARÃES

Armazem de cabos, lonas e aprestos de navios  
Rua do Peixe, 13—AVEIRO  
Telegr. MARIATO

### Empresa Central Portuguesa, L.<sup>a</sup>

(Sucessora de Mala, Martins & C.<sup>a</sup>, Suc.)  
88—Rua Almirante Castilho dos Reis (à Estação)—AVEIRO—  
Deposito de massas alimenticias, bolacha, e artigos de mercearia  
Cereais, farinha e semente  
Corderete, saldo,imento, sal, etc., etc;

### VIDEIRAS AMERICANAS

BARBADOS e enchêrtos das mais resistentes e produtivas castas. Enchêrtos de pereiras das mais finas qualidades.  
Manuel Rodriguez Pereira de Carvalho  
AVEIRO—REQUEIXO

### Companhia "Probidade," de Seguros

SEGUROS TERRESTRES E MARITIMOS  
Agentes  
Domingos Leite & C.<sup>a</sup>, L.<sup>a</sup>  
AVEIRO

### Domingos L. da Conceição

—PARDELHAS—ESTARREJA—  
Solicitador encarregado e agencia de passageiros e passaportes  
Serviços de procuradoria e andamento de todos os processos: civis, commerciaes, orfanologicos, extraninacs, etc.  
Officia passaportes e fazemos passaportes para todos os paizes do estrangeiro e Africa-portuguesa mediante multas remuneradas.